

Os Atletas Paralímpicos através das lentes do impresso e da web nos Jogos de 2012¹

Tatiane HILGEMBERG²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Nos últimos vinte anos a cobertura esportiva tem passado por um processo de espetacularização, e o esporte tornou-se mercadoria. Ainda assim, o esporte para pessoas com deficiência ainda não é valorizado e continua sendo marginalizado. Este artigo pretende entender como os atletas paralímpicos são imagetivamente representados pelo impresso e website do jornal Folha de S. Paulo durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Nossos resultados mostram um padrão semelhante em ambos os meios com maior visibilidade para atletas do sexo masculino com deficiência física (amputado, cadeirante, com deficiência visual) que é visível nas fotografias. A maior diferença entre o impresso e a web fica por conta do maior número de imagens no último, bem como maior diversidade de deficiências e atletas representados.

Palavras-chave

Atletas Paralímpicos; Fotografia; Jornalismo; Representação.

Introdução

Nos últimos vinte anos a cobertura esportiva tem passado por um processo de espetacularização, e o esporte tornou-se mercadoria. Ainda assim, o esporte para pessoas com deficiência ainda não é valorizado e continua sendo marginalizado. Os atletas com deficiência diferenciam-se dos sem deficiência ao não se enquadrarem aos ideais de fisicalidade (visão socialmente aceita da eficiência física), masculinidade (inclui agressividade, independência, força e coragem) e sexualidade (definido como uma visão aceita e esperada de comportamentos sexuais). Pelo processo de espetacularização, e a exigência de entretenimento da mídia, as imagens esportivas tem de ser, necessariamente, cativantes e causar prazer. Assim, para que sejam vendidas ao público, as fotografias

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Capes.
tatiانهilgemberg@gmail.com

precisam ir ao encontro do lema Olímpico *Citius, Altius, Fortius* (o mais rápido, o mais alto, o mais forte).

O esporte tem sido, já há muito tempo, associado ao corpo atlético masculino; esse é um conceito que se torna central para o processo de espetacularização. O corpo atlético ideal é forte e capaz, e sem deficiências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002). As imagens e ideias associadas a este corpo e seus atributos são a força, habilidade, resistência e velocidade. Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Qualquer um que não se enquadre na descrição de corpo atlético ideal é marginalizado ou tratado como “outro” no esporte.

De acordo com Léséleuc (2012) existem cinco conceitos recorrentes na análise de como atletas estigmatizados são representados pela mídia: Trivialização; Infantilização; Feminilização ou sexualização; Esportivização; e Marginalização. A trivialização, é usada para categorizar os elementos dos artigos ou ilustrações que não apresentam os atores em situações esportivas, como por exemplo evocando sua infância, amores, maridos ou esposas, etc., deixando de lado a performance. Infantilização é usada para categorizar elementos referentes a situações da infância do atleta, principalmente ao retratá-los como pessoas dependentes de familiares. Feminilização, ou sexualização, é usada para categorizar os elementos referentes a características do estereótipo feminino, como por exemplo usar maquiagem, vestidos, focalização em partes do corpo com conotação sexual; interessante notar aqui que as características masculinas são raramente sexualizadas. A esportivização, segundo o autor é raramente formulada, mas definida como elementos que representam as atitudes esportivas, ou que colocam o(a) atleta na arena esportiva e em ação. Marginalização, chamada também de discriminação ou estigmatização, é usada quando certo número de processos é destacado e levam a um tratamento desigual e a redução do indivíduo a poucas características.

Material e método

Este estudo visa analisar como os atletas com deficiência foram representados durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Especificamente, nosso objetivo é examinar as fotografias jornalísticas de atletas nos Jogos Paralímpicos de 2012, que reuniram 4.237 atletas, dos quais 2.736 (65%) homens e 1.501 (35%) mulheres (IPC, 2012), de 164 países,

participando em 20 esportes. Objetivamos dar um panorama de como esses atletas foram representados e discutir as diferenças entre a representação de homens e mulheres, e as possíveis diferenças e semelhanças da cobertura do impresso e do online.

A nossa amostra inclui apenas fotografias publicadas pelo jornal impresso e online da Folha de S. Paulo, durante os Jogos Paralímpicos de 2012, que aconteceram de 29 de Agosto a 09 de Setembro, nosso material incluiu ainda os dias 28 de Agosto e 10 de Setembro, respectivamente o dia anterior à abertura e o dia posterior ao encerramento.

Obtivemos uma amostra de 193 imagens, investigadas através de análise de conteúdo utilizando as seguintes categorias:

- a) Ângulo da Fotografia – foi codificado como ‘Plano Geral’ no qual o corpo inteiro do(a) atleta é mostrado; ‘Plano Médio’ apresentando o corpo da cintura para cima; ‘Plano Americano’ em que o corpo é mostrado do joelho para cima; ‘Close’, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça do(a) atleta é mostrado; ‘Plano Detalhe’ que apresenta foco em algum detalhe da imagem ou foca em uma parte específica do corpo;
- b) Apresentação da Deficiência: nesta categoria observamos se a deficiência era visível ou invisível na fotografia;
- c) Tipo de Deficiência – no caso de a deficiência ser visível descrevemos qual a deficiência do(a) atleta;
- d) Gênero – masculino ou feminino;
- e) Nacionalidade dos atletas representados.

As imagens no jornalismo

As fotografias atraem a atenção, percepção, emoção e causam envolvimento. A fotografia jornalística não é apenas um registro natural, há um conjunto de decisões formais envolvidas ao se registrar um evento, como por exemplo o uso de diferentes tipos de lentes, o ângulo, o enquadramento e outros que nos mostram também as decisões editoriais. Quando as fotografias são “construídas” e veiculadas, são enquadradas através de ideologias. Quem está enquadrado, quem não está, e como são apresentados expõe importantes mensagens. Na cobertura esportiva as fotografias têm, principalmente, a função de emocionar, entreter e/ou ilustrar. A fotografia de esporte precisa ilustrar a notícia, ser suficientemente clara, e provocar impacto para capturar o olho do leitor.

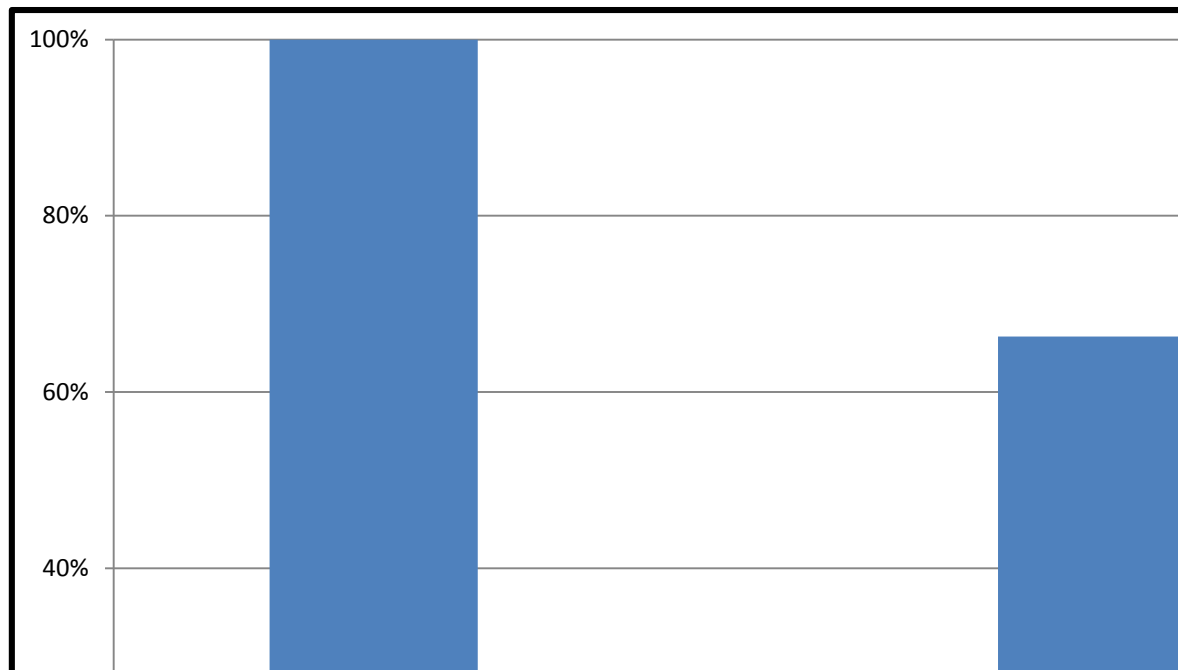
No jornalismo a presença da fotografia tem como objetivo atestar a existência do fato. Foucault (1988) em seu livro “Isso não é um cachimbo”, apesar de tratar especificamente de arte, delinea considerações acerca do real e da representação do real. Para Foucault, o desenho ou pintura de uma casa, não é uma casa, mas apenas a representação de uma casa. Da mesma forma acontece com a pintura de Magritte, foco do livro, que não é um cachimbo real, não se pode enchê-lo de tabaco e fumá-lo. O que hoje nos parece óbvio, na época significou um marco importante, pois separava o real de sua representação. Ao analisar tal ideia apresentada por Foucault, pensamos que o jornalismo faz exatamente o oposto do que fez Magritte. O pintor nos alerta que aquilo que vemos não é real, já o jornalismo nos afirma que a imagem publicada é real, é o fato, é o atleta.

Números que falam

Das 193 fotografias que compõe nosso material, 12 foram publicadas no jornal impresso e 181 no site da Folha. A quantidade muito maior no site diz respeito à galeria de fotos do dia, atualmente um recurso comum em coberturas midiáticas da plataforma online, publicadas em todos os dias de competição, e também evidencia a diversidade do material fotográfico conforme o suporte, nos permitindo concluir que o site da Folha fornece aos leitores um conteúdo diferenciado, complementar ao do impresso.

Além da diferença na quantidade de fotografias no impresso e online, também percebemos diferenças no número de imagens representando atletas mulheres e homens. Sabe-se que o esporte é uma poderosa instituição que reproduz a ordem patriarcal e reforça a masculinidade. Vários estudos comprovam que atletas do sexo masculino e feminino são representados de forma diferenciada, e nosso estudo ratifica essa ideia.

Gráfico 01 – Gênero do atleta representado nas fotografias

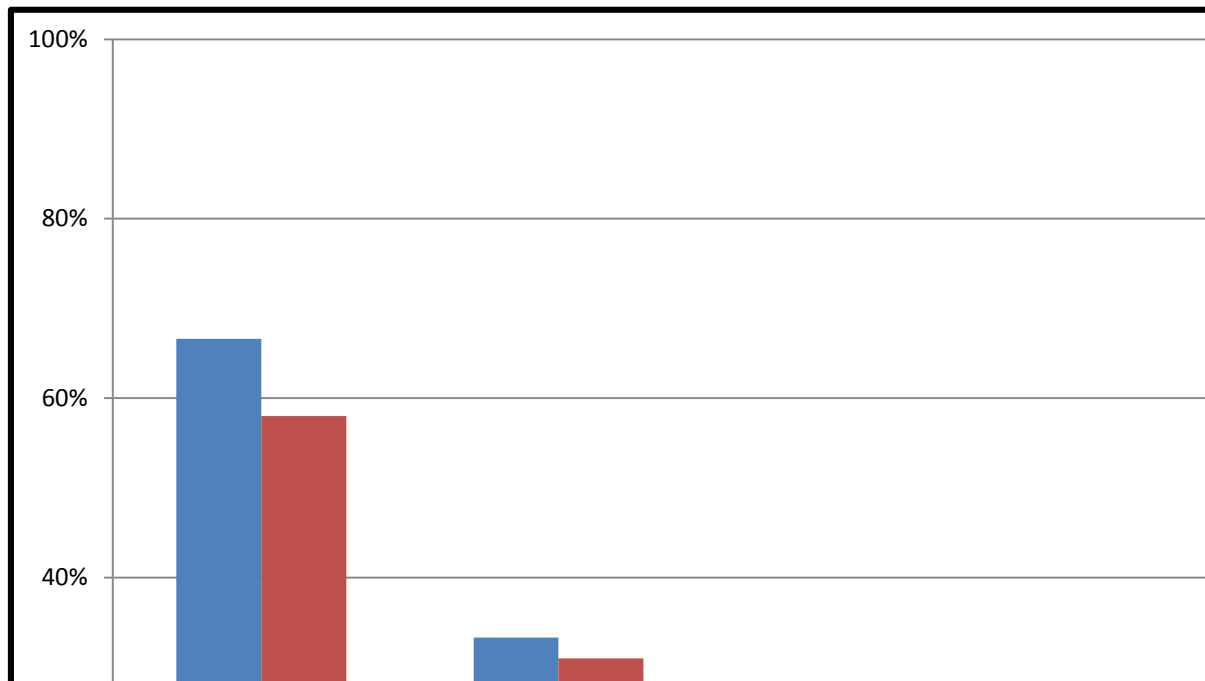


Os homens foram representados em 100% do material impresso e em 66% do online. Podia-se afirmar que isso se deve ao fato de as mulheres terem recebido menos medalhas do que os homens, contudo isso nos parece ser uma explicação simplista, visto que as atletas foram responsáveis por 25% das medalhas brasileiras. Essa diferenciação não é exclusiva do esporte paralímpico, o olímpico também aponta para a prevalente cobertura masculina.

Crossman et al (2007) analisaram artigos científicos publicados sobre o tema nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália entre 1984 e 2000, concluindo que as atletas mulheres foram retratadas em 34,7% das fotografias, comparadas com a cobertura dedicada aos atletas homens. As mulheres envolvidas em esportes considerados apropriados ao gênero feminino, como ginástica, natação, patinação, recebem mais atenção midiática do que aquelas que participam de modalidades “inapropriadas” como futebol, basquete, softball, hockey (CROSSMAN et al., 2007). Ao analisar a cobertura do esporte escolar durante um ano nos Estados Unidos, Pedersen (2002) mostrou que os jornais reafirmam a hegemonia masculina, uma vez que as mulheres foram sub-representadas e a cobertura fotográfica foi tendenciosa. Das 827 fotografias, 32,6% retratavam as mulheres e 66,7% homens, concluindo, portanto que os homens receberam mais cobertura do que as mulheres, além de serem fotografias mais bem posicionadas na página.

Corpo e suas representações

Gráfico 02 – Ângulo da Fotografia



Ao analisarmos o ângulo da fotografia (Gráfico 02) percebemos que a maior parte das imagens apresentou o corpo do atleta em sua totalidade (Plano Geral – 66,6% no caso do impresso e 58% para o online) e da cintura para cima (Plano Médio – 33,3% das fotografias do impresso e 31% das imagens publicadas no site da Folha). A diferença entre os meios se dá, primordialmente, na variedade de ângulos apresentados pelo online, que além dos dois citados também publicou fotos em Plano Americano (5,5%), Close (3,8%) e Plano Detalhe (1,6%) mesmo que em quantidades menores. Ainda assim verificamos que tanto impresso quanto online apresentaram o corpo dos(as) atletas com mais frequência do que apenas seu rosto ou algum detalhe.

Nosso estudo vai de encontro com os resultados encontrados por Schantz e Gilbert (2001) que analisaram a cobertura midiática dos jogos de 1996 pelos jornais franceses e alemães concluindo que 44% das fotos enquadravam o atleta da cintura para cima, ou apenas o rosto. Porém é reforçado pelos dados de Lee (2013) que explorou a cobertura dos Jogos de 2012 em 12 impressos de cinco países e verificou que os atletas com deficiência foram representados, em sua maioria, em plano geral (48,9%). Quando analisou separadamente os sexos a autora percebeu que os homens e mulheres mantinham essa mesma tendência, com 54,9% dos corpos masculinos sendo inteiramente retratados e 39,4% dos femininos.

Percebemos que no Brasil ambos os sexos seguiram o padrão. Uma vez que o impresso só retratou homens, 100% das fotografias apresentavam o corpo do atleta (Plano Geral+Plano Médio). O site da Folha, apesar de, como relatado anteriormente, ter exibido uma variedade maior de ângulos, também seguiu o padrão com a maioria das atletas tendo seus corpos retratados – em mais de 90% dos casos (Plano Geral+Plano Medio+Plano Americano) –, da mesma forma quase 96% das imagens dos atletas do sexo masculino retratavam seus corpos.

Muitos autores afirmam que quando as mulheres atletas com deficiência são retratadas pela mídia, na maioria das vezes seus rostos são enquadrados, ao contrário das atletas sem deficiência às quais têm o corpo todo representado. Schantz e Gilbert (2001) e Lachal (1990), por exemplo, concluíram que existe certa tendência na mídia a deserotizar o corpo da atleta com deficiência. Nosso estudo, no entanto, revela que a maior parte dos closes (57%) era composta por rostos masculinos, enquanto os detalhes (dois dos três casos) eram compostos de características femininas. No caso dos detalhes a identificação do sexo do(a) atleta fica a cargo da legenda. Nos três casos identificados, apenas um apresenta parcialmente o rosto da atleta, pois o foco está nos óculos de natacao estilizados, nos outros dois casos os pés do atleta no arco preparando-se para o a prova de tiro, e as rodas de uma cadeira de rodas e as mãos posicionadas esperando o início da prova são enquadrados. Como podemos notar em nenhum deles há tendência de enquadramento erótico, ou de partes do corpo que poderiam ter conotação sexual.

Tabela 1 – Apresentação da deficiência no Impresso

	Total	Homem	Mulher
Visível	83,3%%	83,3%%	0%
Invisível	16,6%	16,6%	0%
Ambos	0%	0%	0%

Tabela 2 – Apresentação da deficiência na Plataforma Online

	Total	Homem	Mulher
Visível	62,4%	63,3%	60,6%
Invisível	35,3%	34,1%	37,7%
Ambos	2,2%	2,5%	1,6%

Tanto impresso quanto online deixaram a deficiência do atleta visível e identificável. Alguns pesquisadores acreditam que ao focar a deficiência, ou a diferença corporal, do atleta os jornais estariam negando sua identidade. Contudo, isso não foi o caso da cobertura midiática dos Jogos de 2012 nos suportes analisados. Howe (2012), por exemplo, acredita que enquanto o corpo for o foco do esporte os atletas com deficiência continuarão a ser vistos como menos que capazes. Contudo, a deficiência é parte da identidade social do atleta paralímpico, e como a teoria da identidade social sugere temos múltiplas identidades sociais que juntas definem quem somos, portanto, ignorar a deficiência é ignorar parte de quem são os atletas. Hall (1997) afirma que o esporte é uma das áreas em que parece natural enfatizar o corpo, que é o instrumento através do qual o atleta desempenha suas habilidades e representa a beleza atlética.

A ideia de esporte esteve durante tanto tempo vinculada à de masculinidade e corpo atlético que eles se tornaram praticamente sinônimos. No estudo realizado por Schantz e Gilbert (2001), em 1996, os jornais franceses e alemães tenderam a esconder a deficiência dos atletas paralímpicos. Buysse e Borchering (2010), por sua vez, analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram também à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos. Pappous et al (2011) avaliaram a cobertura fotográfica de Sydney/2000 a Pequim/2008 em cinco jornais europeus e seus dados apontam que em Sydney a maioria das fotografias publicadas (82%) deixava pelo menos uma evidência de que o personagem retratado possuía deficiência, em Pequim esse número caiu para 42%. Bertling (2012) encontra resultados semelhantes na imprensa alemã, ou seja, a maioria das fotografias tendia a esconder a deficiência do atleta através de técnicas de sombras ou artifícios similares. Em todos esses casos a mídia obscureceu os corpos com deficiência, o que sugere uma diferença cultural entre o Brasil e os outros países alvos das análises supracitadas, ou mudança de acordo com o tempo, visto que esses estudos foram conduzidos em 1996, 2000, 2004 e 2008, enquanto analisamos a cobertura brasileira do evento em 2012.

Nossos dados refutam esses estudos uma vez que na maioria das fotografias a deficiência era visível e identificável (Tabela 1 e 2). Os corpos apresentados nesse período não costumam ilustrar jornais diários, nem possuem visibilidade na mídia, que exige corpos perfeitos, a maioria das pesquisas realizadas no âmbito do esporte paralímpico ratificam essa ideia, o que tornou difícil para nós encontrar explicações específicas para o fato de em

nossa amostra o corpo do(a) atleta paralímpico ter sido apresentado de forma a expor sua deficiência. Podemos, no entanto, trabalhar com algumas hipóteses.

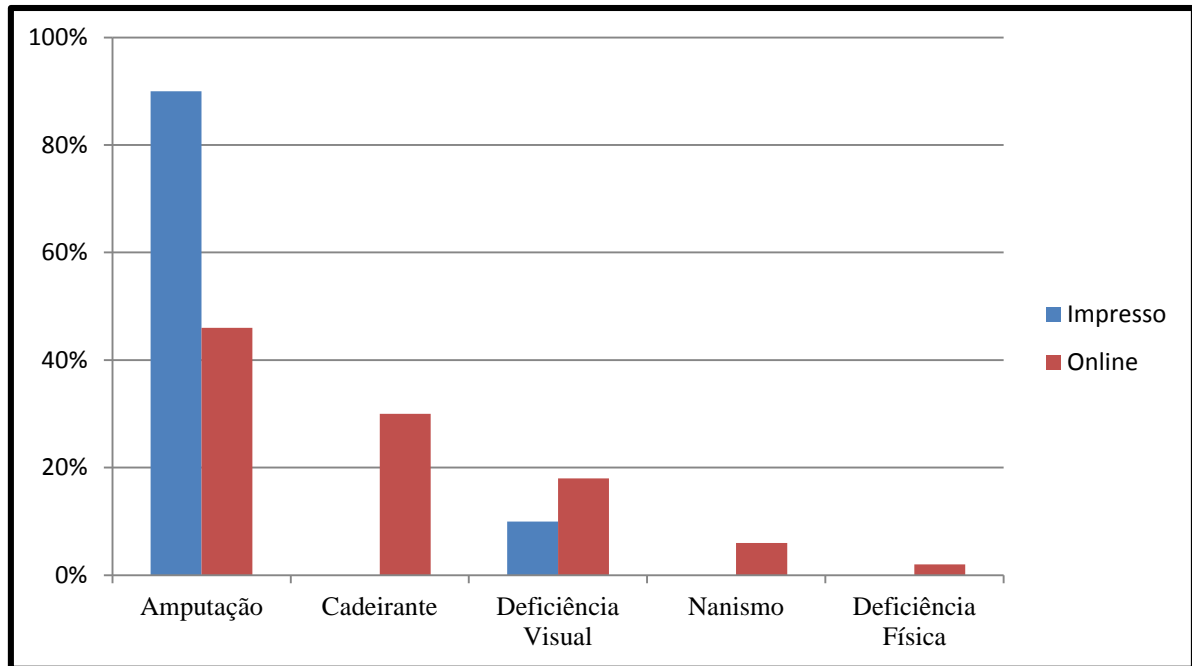
Primeiro, a visibilidade da deficiência pode dar mais legitimidade ao corpo do atleta paralímpico. Ao aumentar a identificação da audiência com esse grupo transforma-se o não familiar em familiar (MOSCOVICI, 1981), e nesse caso pode-se também ajudar a “vender” os Jogos Paralímpicos de 2016 ao público brasileiro. Devenney (2005) afirma que o não familiar pode-se tornar compreensível, porém ainda assim é rotulado como “outro”. Ao expor o diferente, com mais frequência e mais clareza, concordamos com Moscovici, é possível transformá-lo em familiar e reduzir o choque do encontro de olhares. Na verdade só o tempo nos dirá se a exposição da deficiência nos meios de comunicação servirá para fortalecer as fronteiras ou para derrubá-las.

Segunda hipótese. De acordo com Marcellini (2012) quando o corpo do atleta é equipado ou até inserido em uma máquina, ou em aparatos tecnológicos, maior a chance dele se tornar visível constituindo a imagem de corpo controlado, eficiente, ativo e tecnológico. No impresso apenas seis atletas são representados, dos quais três aparecem mais de uma vez, todos amputados, sendo que um utiliza próteses para correr (Alan Fonteles), um utiliza a handbike (tipo de bicicleta movimentada pelas mãos – Alessandro Zanardi) e apenas um aparece sem próteses e sem aparatos tecnológicos (Daniel Dias). Na plataforma online diversos atletas de diversos países são representados nas 181 fotografias, os mais frequentes, contudo, seguem o padrão do impresso, sendo Daniel Dias, Alessandro Zanardi, Alan Fonteles e Oscar Pistorius, que também utiliza próteses para correr.

O corpo representado é híbrido, penetrado pela tecnologia e borrando as fronteiras. “Recortado, maquínico e com deficiência, mas tecnológico, biológico e potencializado: um corpo de significados e formas plurais que, interpelado por práticas discursivas, transita pelas fronteiras de seus limites” (NOVAES, 2006, p. 52-53). O ciborgue é visto como a possibilidade de reduzir as fragilidades humanas, corrigir falhas e imperfeições e dar ao corpo nova configuração, e por isso atrai tanta atenção.

A terceira hipótese pode estar relacionada com o progresso das relações sociais. A evolução do *Disability Studies*, mais informações sobre a deficiência, e as ideias e valores de inclusão podem ter levado a visão menos preconceituosa e estereotipada da deficiência.

Gráfico 03 – Tipo de deficiência



A maior exposição desses corpos pode ser comprovada pela variável tipo de deficiência (Gráfico 03) que aponta que das deficiências visíveis nas fotografias a maioria eram amputações em ambos os casos (90% no impresso e 46% no online), seguidas por cadeirante apenas no online e deficiências visuais nas duas plataformas.

Haller (2000) ao analisar os 12 maiores jornais e revistas americanos entre 1990 e 1993 conclui que mais da metade das 171 fotografias publicadas representavam cadeirantes. Scheel e Duncan (1999) pesquisando sobre a cobertura da rede americana CBS em 1996 perceberam que os cadeirantes receberam 40% da cobertura, amputados 32% e cegos 20%. Vários outros pesquisadores também têm reportado que os atletas mais frequentemente enfocados são aqueles com deficiência física, e o grupo mais representado são os atletas do sexo masculinos cadeirantes (SCHANTZ e GILBERT, 2001; HARDIN e HARDIN, 2003; THOMAS e SMITH, 2003). Hardin e Hardin (2003) chamam isso de hierarquia da deficiência construída pela mídia, onde os homens cadeirantes estão no topo porque eles são o mais próximo do competidor ideal entre os atletas com deficiência. DePauw (1997), contudo, argumenta que isso se dá porque a cadeira de rodas pode ser vista como substituta dos membros inferiores, enquanto a parte superior do corpo do atleta oferece um físico “aceitável” e “aparentemente normal”. Schantz e Gilbert (2001) sugerem que a imagem desse grupo de atletas é tão forte que permite que o sujeito seja rotulado como tendo deficiência sem que isso seja exposto.

Outro estudo interessante foi conduzido por Raab e Janda (2012), que analisaram a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 pela televisão pública alemã. As autoras apontam que os cadeirantes foram representados em 18% do material, seguido por amputados, e atletas com deficiência visual. O que percebemos dessas pesquisas, juntamente com os nossos resultados, é que a ordem se altera, contudo os atletas com as deficiências mais apresentadas são cadeirantes, amputados e visuais. Raab e Janda (2012) completam que como cadeirantes ou amputados são as mais comumente representadas, em geral, não provocam tanta aversão apesar de sua deficiência aparente.

O jornal online apresentou ainda atletas com nanismo (5,9%) e deficiências físicas (mús-formações – 2,5%). Um número muito maior de atletas e de nacionalidades foi apresentado pelo online. Além dos já citados atletas com maior frequência – Daniel Dias, Alan Fonteles, Oscar Pistorius e Alessandro Zanardi – o impresso retratou outros três atletas, todos brasileiros, enquanto o online publicou fotos de outros 109 atletas de 33 países.

Algumas diferenças emergem quando comparamos nossos resultados com os de outras pesquisas, tonando fácil notar que há diferença entre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2012 da de outras edições. Isso pode dever-se ao fato de o Brasil ser a sede do evento em 2016, e, portanto se justificar o aumento da cobertura a fim de apresentar os atletas para a audiência. Quando o esporte torna-se mercadoria o marketing aumenta, bem como a necessidade de se “vender” os Jogos. Ao mesmo tempo é difícil “vender” a imagem do atleta com deficiência, principalmente quando ele é retratado de forma a diminuí-lo e estereotipa-lo.

Conclusões

Esse artigo teve como objetivo tentar entender como os atletas paralímpicos foram representados fotograficamente pelo impresso e site da Folha de S. Paulo durante os Jogos de 2012 em Londres. Nossos resultados mostram que o atleta com maior visibilidade é do sexo masculino com deficiência física (amputado, cadeirante ou com deficiência visual), que não foi escondida nas imagens. Quando analisamos as diferenças na representação de homens e mulheres percebemos que o gênero masculino é muito mais frequentemente retratado do que o gênero feminino, contudo qualitativamente ambos seguem padrões

semelhantes. Homens e mulheres têm seus corpos apresentados, e sua deficiência é visível e identificável.

Quanto às diferenças entre as plataformas o que notamos foi uma cobertura fotográfica ostensiva do site com a publicação de 181 imagens de atletas, em comparação com apenas 12 do impresso. O jornal que foi para as bancas apresentou, no período, nove notícias sem fotografias que, por esse motivo, não foram aqui analisadas, ou seja, houve uma pobreza iconográfica do impresso frente ao digital que publicou galerias de fotos dos dias 30 de Agosto a 9 de Setembro, com média de mais de dez fotografias por dia.

Como dito anteriormente, quando um país esta sediando, ou vai sediar, o evento esportivo o número de notícias e fotografias sobre os atletas paralímpicos tende a aumentar, o que pode ter acontecido no caso do online, contudo os resultados do impresso não corroboram essa afirmação. Apesar dos resultados de alguma forma ambíguos acreditamos que os Jogos Paralímpicos 2016 trarão mudança na forma com que a mídia nacional representa os atletas, a questão a ser pensada e a ser analisada, futuramente, é se tal mudança será apenas nessa edição ou se continuará a progredir.

Referências Bibliográficas

BERTLING, C. *Disability Sports in the German Media*. In: In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sports Communication*, v. 3, p. 308-321, 2010.

CROSSMAN, J.; VICENT, J.; HARRIET, S. The Times they Are A-Changing: Gender comparisons in three national newspapers of the 2004 Wimbledon Championships. *International Review for the Sociology of Sport*, 42, p. 27-41, 2007.

DEPAUW, K. The (In)visibility of (Dis)ability: Cultural contexts and “sporting bodies”. *Quest*, 49, 1997.

DEVENNEY, M., J., V. *The Social Representations of Disability: Fears, fantasies and facts*. Tese (Doutorado em Filosofia)-Clare College Cambridge, Reino Unido. 2005.

FOUCAULT, M. *Isso não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HALL, S. The spectacle of the 'Other'. In: Hall, S. (Ed.) *Representation: cultural representations and signifying practices*, Londres: Sage/Open University, pp.223-290. 1997.

HALLER, B. If they Limp, they Lead? News representations and the hierarchy of disability images. In: Braithwaite, D. O.; Thompson, T., L. (Eds), *Handbook of Communication and People with Disabilities: Research and application* (p. 289-305), Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The Supercrip in sport media: Wheelchairs athletes discuss hegemony's disabled hero. *Sosol*, 7. 2004.

HARDIN, M.; CHANCE, J.; DODD, J.; HARDIN, B. Olympic photo coverage fair to female athletes. *Newspaper Research Journal*, v. 64, p. 64-79, 2002.

HARGREAVES, J. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. London: Routledge, 1994

HOWE, D. The Imperfect Body. *Routledge Online Studies on the Olympics and Paralympic Games*, v. 01, n. 57, 2012.

LACHAL, R. C. La representation des personnes hadicapees dans les medias: de l'object au sujet. *Revue Revenir*, 39, 2000.

LEE, M. J. *Images of Athletes with Disabilities: An Analysis of Photographs from the 2012 Paralympic Games*. 2013. 214f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Cinesiologia, Universidade do Alabama, Alabama, 2013.

LÉSÉLEUC, E. A Way Forward – Researching international perspectives on media and the Paralympics. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

MARCELLINI, A. *French Perspectives on the Media and Paralympics*. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia*. Trad.: Pedrinho A. Guareschi. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOVAES, V. S. *O Híbrido Paraolímpico: Ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas*. Dissertação (Mestre em Ciências do Movimento Humano)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PAPPOUS, A., MARCELLINI, A., LÉSÉLEUC, E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 14, 9, 2011.

PEDERSEN, P. M. Examining Equity in Newspaper Photographs – a content analysis of the print media photographic coverage of interscholastic athletics. *International Review for the Sociology of Sport*, 37, 3-4, 2002.

RAAB, N.; JANDA, S. Coverage of the Beijing Paralympic Games on German Television. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.) *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94. 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, p. 27-47. 1999.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, p. 166-181. 2003.